



Visita de Estudo Ornitológica da SPEA à ilha de São Tomé, em São Tomé e Príncipe

14 a 21 de fevereiro de 2015



Participantes:

Ana Cristina Alves
Carlos Miravent Tavares
Esther Portmann
Maria Gabriel Tavares
Maria Teresa Macedo
Nuno Carvalho Macedo
Pedro Luís Lobo do Vale

Guia SPEA:

Hugo Sampaio

Guias locais:

António Alberto
Aristides Santana (Nity)
Estêvão Soares
Osvaldo Soares
Ricardo da Fonseca (Mito)

Organização:

Hugo Sampaio
Alexandra Lopes
Domingos Leitão

Relatório e listas:

Hugo Sampaio

Foto da capa:

Ilha de São Tomé, zona Sul vista do mar (Hugo Sampaio)

Esta foi uma visita ornitológica de oito dias (sete noites), organizada pela SPEA, à ilha de São Tomé, em São Tomé e Príncipe, país localizado no Golfo da Guiné, ao largo do Gabão. Durante a nossa estadia visitámos habitats tão diversos como as áreas de Savana do Norte da ilha, a Floresta de Montanha entre Bom Sucesso e a Lagoa Amélia, a Floresta de Baixa Altitude de Monte Carmo, o Mangal de Malanza e os Ilhéus Sete Pedras. Utilizámos como base o Hotel Pestana São Tomé e passámos duas noites no Eco Lodge Praia Inhame, perto de Porto Alegre. Foram observadas 58 espécies de aves.

ITINERÁRIO

Dia 0 - Sábado, dia 14 de fevereiro: viagem Lisboa - São Tomé

A visita de estudo teve início no Aeroporto de Lisboa, onde os participantes começaram a chegar a partir das 7:00. Após a entrega da bagagem de porão e a passagem pelo controlo de segurança iniciou-se a caminhada pelo Terminal 1 do aeroporto, em direção à porta de embarque para o voo com destino a Acra/São Tomé, que é sempre uma das mais distantes. Nesta altura, parte do grupo já se tinha reunido, pois já se conheciam de aventuras anteriores. Viajaram sem guia uma vez que eu já me encontrava em São Tomé há cerca de um mês. O avião partiu antes das 10h, iniciando a primeira parte da viagem, em direção a Acra. A segunda parte da viagem foi mais curta e por volta das 17h45 o avião finalmente aterrou em São Tomé.

O calor cumprimentou os participantes logo à saída do avião, ao que se seguiu novo controle de passaportes e a espera pelas malas. Com o pôr-do-sol a aproximar-se rapidamente, comecei a ver os primeiros participantes a saírem do aeroporto. Uma vez reunido o grupo, foi hora de organizar todas as malas na bagageira da nossa *Hiace* e seguir até à cidade de São Tomé. Seguimos pela estrada ao longo das Praias Nazaré e Lagarto e depois pela Baía de Ana Chaves, até que chegámos ao Hotel Miramar. Aprontámo-nos para dar entrada, mas na receção informaram-nos que a reserva do grupo tinha sido transferida para o Hotel Pestana. Esta alteração de última hora e sem aviso prévio deixou-me incrédulo, mas malgrado a perda de tempo desnecessária após uma viagem longa e cansativa, o mais importante é que o grupo ficou satisfeito com o *upgrade*. Voltámos a entrar no carro e seguimos até ao Pestana, que fica a algumas centenas de metros do Miramar. Depois de deixarem as malas nos quartos e de um breve descanso, seguimos até ao Parque Popular, pois já estava a ficar tarde para jantar.

Jantámos no Restaurante B24 e a receção gastronómica não podia ter sido melhor. O peixe grelhado acompanhado com banana frita estava excelente e a cerveja Rosema (também conhecida como Nacional)

estava no ponto. Terminado o jantar regressámos ao hotel e marcámos encontro para o dia seguinte, de manhã cedo, ao que se seguiu o descanso merecido para todo o grupo.

Baía de Ana Chaves, com destaque para o Palácio Presidencial e para a Sé Catedral de Nossa Senhora da Graça de São Tomé (Hugo Sampaio).

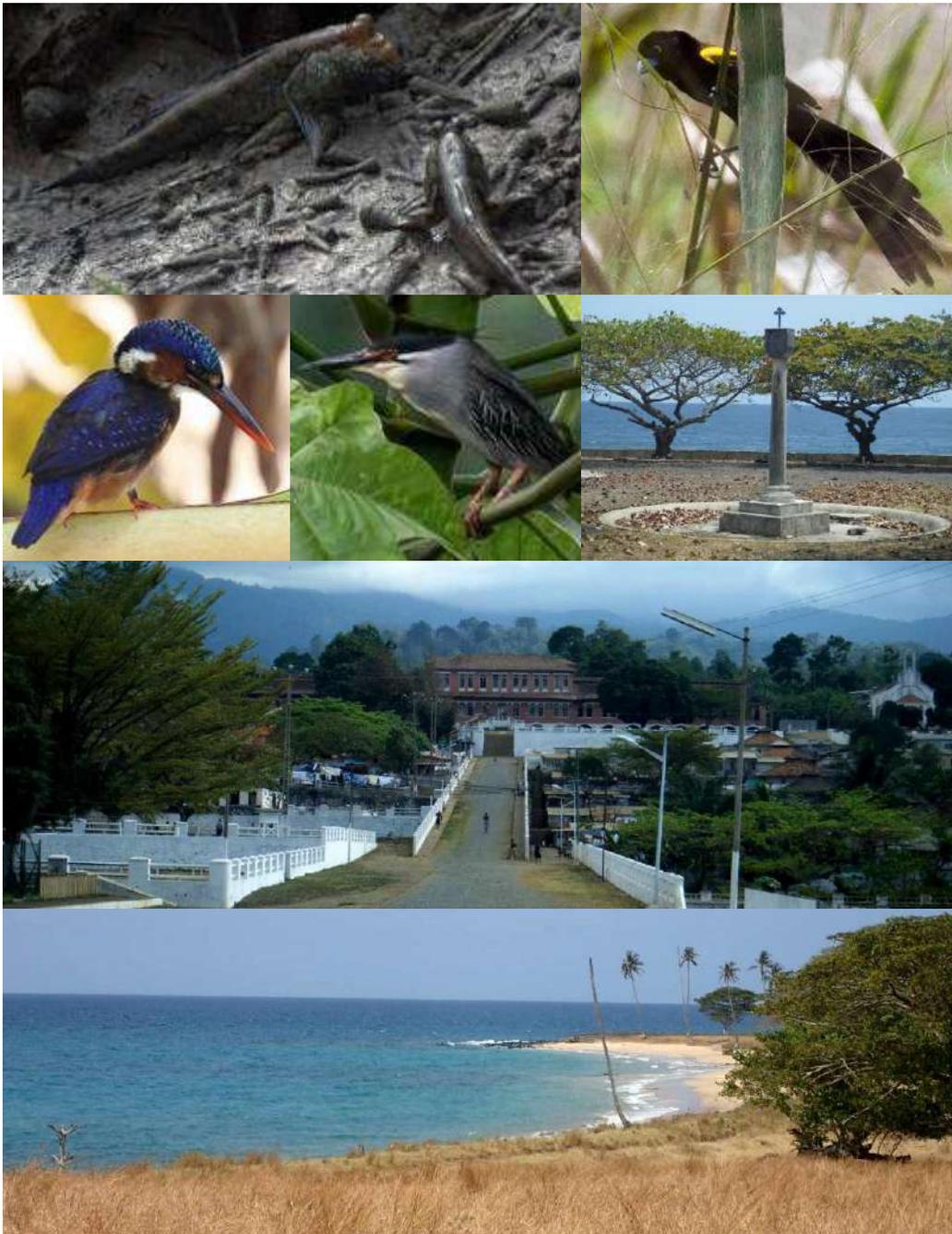


Dia 1 - Domingo, dia 15 de fevereiro: Fernão Dias, Roça Agostinho Neto e Anambó

O nosso primeiro dia de observação de aves começou cedo, para tentarmos chegar à área de Savana antes que o calor se tornasse impiedoso. Eu e o António, nosso guia santomense para este dia, encontrámo-nos com o grupo no Hotel Pestana e iniciámos a viagem até Micoló. A partir daí seguimos a estrada de terra batida que leva até Fernão Dias e parámos para observar aves junto à ponte sobre o Rio do Ouro. Desde logo tivemos a oportunidade de contemplar as fantásticas cores da conóbia *Alcedo thomensis*, o guarda-rios endémico de São Tomé e também de observar de perto um tchonze *Butorides striata* meio escondido na vegetação. Seguimos mais um pouco e fizemos uma caminhada em torno da zona pantanosa de Fernão Dias, onde avistámos, entre outras espécies, alguns exemplares de viúva-d'asa-branca *Euplectes albonotatus* e padé-campo-amarelo *Euplectes aureus*. Antes de regressarmos ao carro ainda vimos no lodo alguns cucumba *Periophthalmus barbarus* e encontrámos duas crianças a pescar charroco. Continuámos por cerca de 1,5 km e parámos na bonita Praia do Governador, onde descansámos à sombra das árvores. A partir daí a estrada piorou a olhos vistos e foi impossível evitar os inúmeros buracos, mas lá chegámos à Praia dos Tamarindos, onde aproveitámos para procurar aves nas lagoas costeiras que aí se encontram. Pelo caminho uma codorniz-arlequim *Coturnix delegorguei* e os seus filhotes ainda fizeram o favor de atravessar a estrada à nossa frente, mas foram tão rápidos que só alguns de nós os conseguiram ver. O calor já apertava e estava a ficar tarde para o almoço, mas não deixámos de fazer uma rápida visita à Roça Agostinho Neto, após a qual seguimos em direção a Ponta Figo. Chegámos ao fabuloso alojamento Mucumbli, onde almoçámos e nos deliciámos com a vista da esplanada.

Da parte da tarde visitámos o Padrão de Anambó, marco importante na história da colonização de São Tomé e Príncipe, onde fomos presenteados com boas observações de olho-grosso *Zosterops lugubris*, neto-do-olho-grosso *Zosterops feae* e de um casal de tomé-gagá *Terpsiphone atrochalybeia*, todas espécies endémicas da ilha de São Tomé. O António aproveitou para dar a provar ao grupo a semente do caroceiro *Terminalia catappa*, a qual é muito apreciada pelos santomenses. De seguida entrámos na Roça Diogo Vaz para ver mais alguns exemplares de casas de arquitetura colonial e no regresso à cidade de São Tomé ainda parámos entre Neves e a Lagoa Azul para observar de perto algumas garças-dos-recifes *Egretta gularis*. O grupo voltou ao hotel para se refrescar e mais tarde fomos jantar de novo ao Restaurante B24.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo: cucumba (Carlos Miravent), viúva-d'asa-branca, conóbia e tchonze (Nuno Macedo), Padrão de Anambó e Roça Agostinho Neto (Hugo Sampaio) e Praia do Governador (Francisco Azevedo).



Dia 2 - Segunda-feira, dia 16 de fevereiro: Jardim Botânico de Bom Sucesso, Lagoa Amélia, Monte Café

O objetivo para o segundo dia de campo foi visitar a Floresta de Montanha e observar mais algumas espécies endémicas da ilha, as quais ao longo da sua evolução e diferenciação se especializaram para viver na floresta nativa. Deixámos a cidade e seguimos para o interior, parando no Cruzeiro para apanhar o Estêvão, técnico da área protegida da ilha, o Parque Natural d'Obô, especialista em botânica e que seria o nosso guia para este dia. Antes de chegar ao destino ainda parámos para dar boleia ao Ricardo Lima, biólogo português e investigador em São Tomé e Príncipe, que teve gosto em acompanhar o grupo e

partilhar conosco o seu conhecimento. Depois de passarmos as plantações de café de Nova Moca lá chegámos ao Jardim Botânico de Bom Sucesso, nosso ponto de partida para a caminhada até Lagoa Amélia.

Inicialmente o percurso seguiu ao longo de campos de cultivo de hortaliças, fronteiros à floresta tropical, onde tivemos oportunidade de observar alguns nários *Ploceus velatus*, uma espécie de tecelão endémica de São Tomé, para além dos sempre presentes selelê *Anabathmis newtonii* e truqui-sum-dessu *Prinia mollerii*, igualmente endémicos da ilha. Ouvimos ainda uma perdiz *Francolinus afer* a cantar, mas não a conseguimos encontrar. Quase a chegar à floresta, que coincide com a entrada no Parque Natural ainda vimos uma cécia *Treron sanctithomae* no ninho, aparentemente frágil e desengonçado. Apesar de ainda ser cedo e de estarmos a mais de 1200 m de altitude o sol estava quente e dificultava a subida, pelo que soube muito bem entrar na floresta densa, onde reinava a frescura e a tranquilidade. Num momento estávamos em campo aberto, sujeitos ao calor e no momento seguinte estávamos numa floresta escura, com árvores enormes. Um pedaço de paraíso, mas talvez nem tanto para os observadores de aves. Os participantes aperceberam-se logo das dificuldades que teriam neste habitat, onde se viam poucas aves ao nível do solo e onde a falta de luz também não ajudava a apreciar as suas cores e identificar as diferentes espécies. Apesar disso, ao longo da subida para a Lagoa Amélia e enquanto o Estêvão ia enumerando as propriedades medicinais e afrodisíacas das diferentes espécies de árvores, conseguimos ver mais uma série de espécies endémicas de São Tomé, muncanha *Columba larvata*, tordo *Turdus olivaceofuscus*, tchin-tchin-tcholó *Ploceus sanctithomae* e pardal *Serinus rufobrunneus*. Uma vez chegados ao miradouro da Lagoa Amélia, o qual já teve melhores dias e melhor vista, aproveitámos para merendar e descansar da subida.

O regresso foi mais fácil, pois foi sempre a descer e ainda nos permitiu acrescentar à lista uma gita *Lamprophis cf. lineatus* e uma aranha endémica *Gasteracantha thomasinsulae*. Saímos da floresta mas eu ia com um amargo na boca por não termos conseguido ver o selelê-mangotchi *Dreptes thomensis*. Não é todos os dias que se vê o maior *Sunbird* do mundo, que só se encontra em São Tomé, e o grupo dificilmente o veria nos restantes locais que estavam previstos visitar. Assim, eu e o Estêvão decidimos fazer mais uma tentativa, num local que ele sugeriu. Fizemos nova incursão na floresta e passado pouco tempo lá demos com ele. E não foi uma observação qualquer, pois estava junto ao ninho, a pouca altura do solo e ficou lá o tempo todo, para que o víssemos bem. Já mais satisfeito, dei por terminada a manhã de observação e regressámos ao carro, para nos dirigirmos à Roça Monte Café. Esperava-nos aí o Catoninho para almoçarmos na bela esplanada do seu restaurante, Alei Coffe Shop, ao mesmo tempo que apreciávamos a vista sobre a cidade. A refeição à base de gastronomia santomense terminou com um café Arábica biológico, também produzido pela empresa do Catoninho.

Com as energias restabelecidas fomos observar aves nos terrenos em volta da Roça, onde pudemos ver pastro *Onychognathus fulgidus*, andorinha-de-barriga-branca *Zonavena thomensis* e camussela *Ploceus grandis*, uma espécie de tecelão gigante endémica de São Tomé. Demos por terminado o nosso dia e regressámos à cidade ainda cedo, descansámos um pouco, começámos a arrumar as malas para o dia seguinte e finalmente saímos para jantar na Dona Teté. Se o almoço foi bom, o jantar foi ainda melhor. Bom peixe, bom choco e boas sobremesas, mas isso não é novidade, a Dona Teté há muito nos habituou a isso.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo: aranha, nário (Carlos Miravent), selelê-mangotchi (Nuno Macedo), campos hortícolas, floresta primária e antigo secador de cacau (Hugo Sampaio).



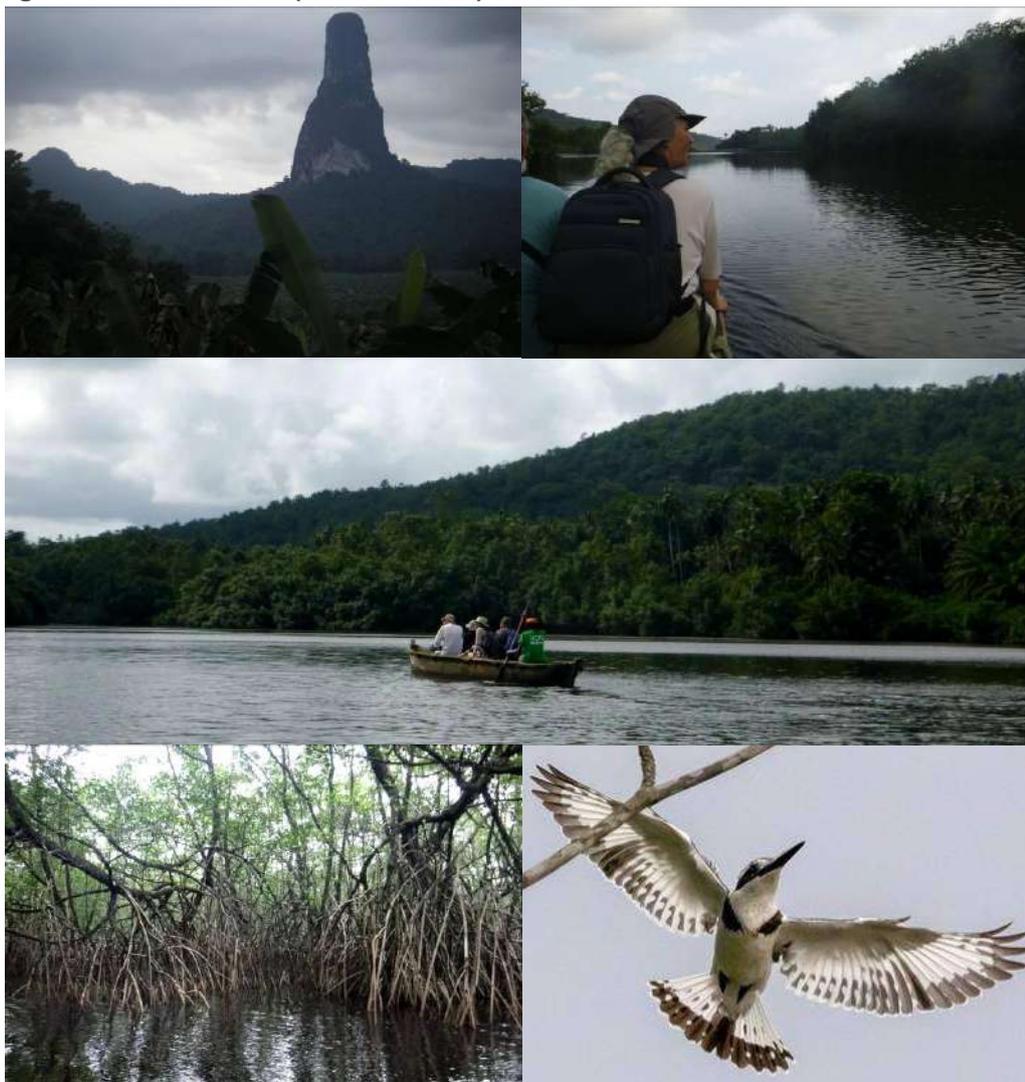
Dia 3 - Terça-feira, dia 17 de fevereiro: Praia Micondó, Rio Caué, Praia Inhame, Mangal de Malanza

Neste dia preparámo-nos para uma viagem de carro de quase duas horas, em direção ao Sul da ilha, com o objetivo de explorar o Mangal de Malanza, que também faz parte do Parque Natural d'Obô. Arrumámos as malas na bagageira, dissemos até já ao Hotel Pestana e fizemo-nos à estrada. Mais ou menos a meio da viagem, fizemos uma paragem para esticar as pernas na bonita e verdejante Praia Micondó. Voltámos à estrada e fizemos nova paragem, desta feita junto à ponte sobre o Rio Caué, onde vimos de novo tchonze e carraceiro *Bubulcus ibis*, mas a espécie mais apreciada foi a pata-d'água *Phalacrocorax africanus*. Outro motivo de interesse foi observar um dos símbolos mais conhecidos de São Tomé e Príncipe, o peculiar Pico Cão Grande ou Pico Caué envolto em floresta luxuriante. Seguimos para a fase final da nossa viagem e lá chegámos ao Eco Lodge Praia Inhame, o qual suscitou o agrado de todo o grupo. Uma série de *bungalows* acolhedores construídos junto a uma belíssima praia rodeada de floresta, onde o canto das aves marca a sua presença. Depois de atravessarmos a ilha para chegar a este local paradisíaco, tínhamos pouca vontade de sair de novo, mas já estava na hora de almoço e assim voltámos a Porto Alegre, onde a Susana

nos esperava na sua casa com um belo almoço de peixe grelhado acompanhado de banana frita e fruta-pão assada.

Da parte da tarde fizemos um passeio de canoa no Mangal de Malanza, guiados pelo Osvaldo, para conhecermos este habitat tão distinto e tentarmos ver mais algumas espécies. Tínhamos esperança de conseguir avistar o ossobô *Chrysococcyx cupreus* uma espécie de cuco que dizem que quando canta chama a chuva. Até agora tínhamos ouvido o seu canto todos os dias, mas para o encontrar na vegetação é preciso um misto de sorte e olho-de-lince. Não tivemos sucesso com esta espécie, mas vimos um grupo de macacos *Cercopithecus mona* e pudemo-nos deliciar com a beleza e calma que este estuário irradia. No entanto o melhor ainda estava para vir. Pouco depois de voltarmos a pisar terra firme vimos um guarda-rios-malhado *Ceryle rudis* pousado num galho seco junto à foz do Rio Malanza. Bem à vista de todos e ainda fez questão de nos presentear com alguns voos acrobáticos, de forma que acabámos o dia em grande. Voltámos ao nosso alojamento a tempo de dar um merecido mergulho na praia e quem ficou de molho até ao pôr-do-sol ainda pôde ver várias centenas de morcegos *Eidolon helvum* a saírem dos seus dormitórios e a dirigirem-se para o Ilhéu das Rolas. O jantar foi no restaurante do alojamento e este também não nos desiludiu.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Pico Cão Grande, Mangal de Malanza (Hugo Sampaio) e guarda-rios-malhado (Nuno Macedo).



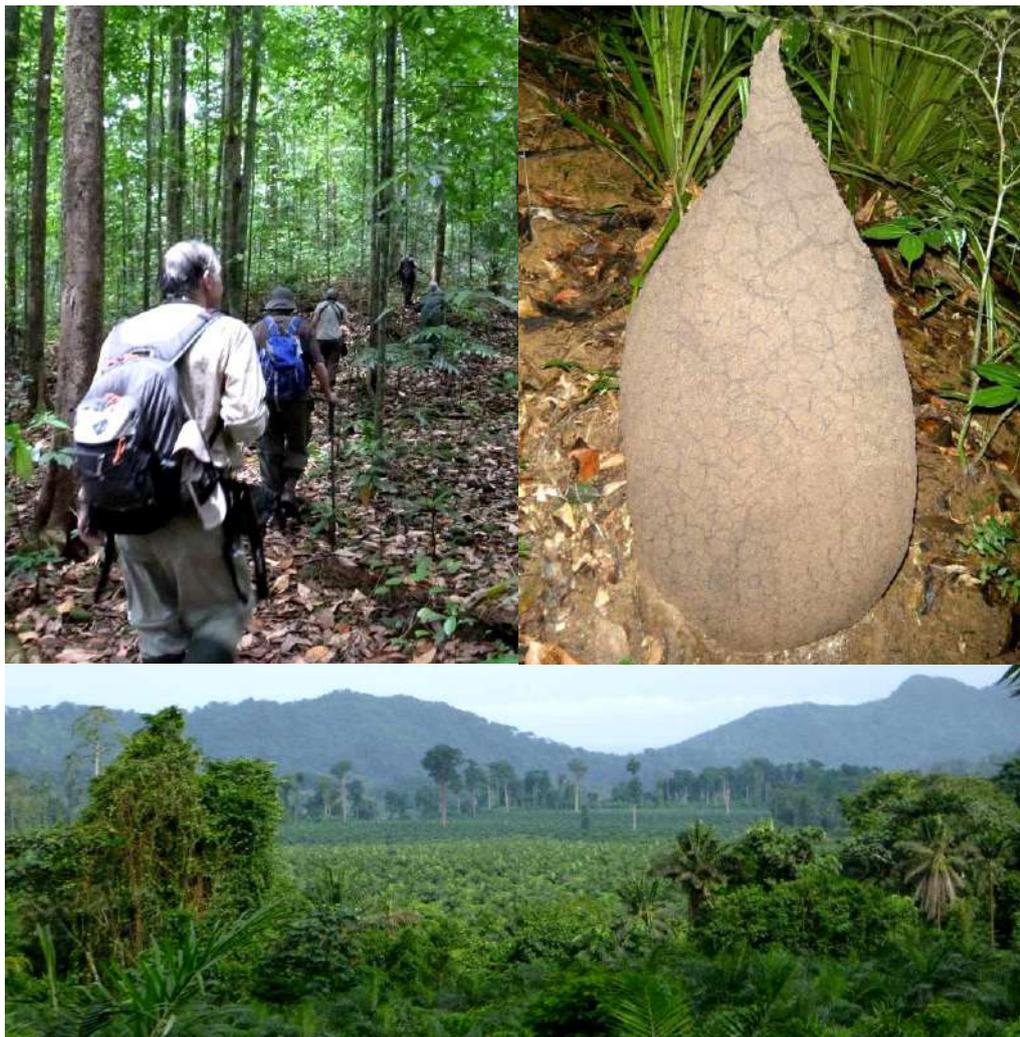
Dia 4 - Quarta-feira, dia 18 de fevereiro: Emolve/Agripalma, Monte Carmo

Para este dia estava-nos reservada mais uma caminhada no Parque Natural d'Obô, desta feita na floresta de baixa altitude, habitat devastado ao longo da colonização do arquipélago, para aproveitamento agrícola destas ilhas. O local escolhido foi a floresta em torno de Monte Carmo, pois é possível aí ver as três espécies mais ameaçadas de extinção de São Tomé, bem como outras endémicas com distribuição mais restrita. Tudo isto aliado ao facto de ser uma área relativamente acessível, se compararmos com outras igualmente ou até mais ricas em espécies endémicas. Mas o relativamente acessível não significa que é fácil lá chegar. Deixámos a Praia Inhame e seguimos até à área central da Agripalma, antiga Emolve, empresa que explora plantações da palmeira *Elaeis guineensis* para produção de óleo de palma. Encontrámo-nos lá com o Mito e o Nity, nossos guias para este dia e seguimos no carro por mais algum tempo, ao longo da plantação, até onde foi possível. Quando os caminhos se tornaram demasiado difíceis para a nossa *Hiace*, tivemos de iniciar a caminhada, uma vez mais dificultada pelo calor e pelo sol do Equador, dado que a sombra das palmeiras plantadas há poucos anos era claramente insuficiente.

Ao entrar na floresta e fugir ao calor sentimos de novo uma sensação de bem-estar única e aproveitámos para descansar por alguns minutos. Iniciámos a observação de aves neste habitat e mais uma vez tivemos de nos habituar à falta de luz, bem como à dificuldade em progredir neste terreno irregular. Pouco depois de começarmos conseguimos ver dois pombos *Columba thomensis*, uma das espécies mais difíceis de encontrar em São Tomé e mais tarde vimos papa-figos *Oriolus crassirostris* e ouvimos kitoli *Otus hartlaubi*, o pequeno mocho-endémico. Mas a estrela do dia foi a galinhola *Bostrychia bocagei*, que conseguimos encontrar em dois locais. Uma espécie de íbis florestal que ao nos ver levantou do solo com o seu voo pesado e foi pousar num ramo de uma árvore próxima, uma grande observação. Faltava-nos ainda ver o anjolô *Neospiza concolor* e o picanço *Lanius newtoni*, mas face ao ritmo da nossa caminhada percebi que já não íamos a tempo de chegar ao local onde habitualmente se vê o picanço e depois regressar ao carro antes do sol se pôr. E encontrar o anjolô é sempre um golpe de sorte, pois ele é que escolhe quando se quer mostrar, sendo por isso que alguns guias de São Tomé lhe chamam Bin Laden. Parámos para descansar e para comer o nosso farnel e iniciámos a descida de regresso, por um caminho diferente e que nos levaria à ruína de Monte Carmo e de volta à plantação. Mas a lista para este dia não estava fechada e ainda conseguimos ver outra espécie endémica, o sui-sui-de-obô *Amaurocichla bocagii*. Um pequeno pássaro aparentado com as nossas alvéolas, mas que tem uma cauda curta e por isso o seu nome em inglês é *Short-tail*.

Foi um belo dia de observação. Regressámos ao carro e depois à Emolve, onde parámos numa barraca para tomar umas cervejas frescas. Como seria de esperar o grupo de turistas chamou a atenção dos habitantes desta pequena povoação e alguns adultos e crianças começaram a aproximar-se. A partir daí foi o caos porque o Pedro decidiu comprar um saco de rebuçados e começou a dar às crianças que estavam na barraca. Em menos de nada começaram a chegar dezenas de crianças, que encheram o espaço. Ele teve de pôr ordem no grupo e mandou formar uma fila, obrigando-as a esperarem pela sua vez e no fim todas levaram o seu doce. Estava na hora de voltarmos, mas antes das despedidas o Mito ainda nos convidou a comer Calulu na sua casa, que a sua mulher Sónia tinha feito a contar connosco. O Calulu estava ótimo e aqueceu-nos o estômago até à hora de jantar, que uma vez mais foi na Praia Inhame.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo: caminhada em Monte Carmo, ninho de térmitas e plantação para óleo de palma (Hugo Sampaio).



Dia 5 - Quinta-feira, dia 19 de fevereiro: Sete Pedras, Ilhéu das Rolas, São Tomé

Quinta-feira reservou-nos um dia de observação diferente, com uma saída de barco até aos Ilhéus Sete Pedras, através da empresa Costa Norte. O barco veio-nos buscar à Praia Inhame e seguimos em direção às Sete Pedras, que ficam a cerca de 5 km da costa. Mais uma vez tivemos sorte com o tempo, o que neste caso quer dizer que o mar estava bastante calmo e o céu nublado e que pudemos poupar no protetor solar. No caminho para os ilhéus pudemos ver alguns garajaus-de-dorso-castanho *Onychoprion anaethetus*, bem como agrupamentos de tinhosa-comum *Anous stolidus* e tinhosa-pequena *Anous minutus* a alimentarem-se no mar, por vezes junto a barcos de pesca. Aves magníficas que não estamos habituados a ver nos nossos mares. O barco seguiu até à colónia de aves marinhas e aí pudemos deliciar-nos com uma fartura de aves de diferentes espécies. Mais garajaus e imensas tinhosas pousadas nas rochas que, ao contrário do que o nome indica, são mais do que sete. Vimos ainda alguns cocozucos *Phaethon lepturus* e vários malvaxis *Sula leucogaster*. Estranhámos ver um falcão *Milvus migrans* pousado nos rochedos, mas a maior surpresa do dia e até de toda a semana, foi ver três atobás-de-patas-vermelhas *Sula sula* num dos ilhéus, dois dos quais eram juvenis. Uma espécie que não estava na lista das aves observadas em São Tomé, mas que até poderá estar a nidificar nas Sete Pedras. O barco parou por algum tempo junto às rochas e permitiu que eu e o Carlos déssemos uns valentes mergulhos nas águas profundas e cheias de peixes. Aproveitámos ainda

para comer o nosso farnel e depois iniciámos o regresso, que incluiu uma paragem curta no Ilhéu das Rolas. Como tínhamos pouco tempo o grupo preferiu reforçar o almoço no restaurante do hotel Pestana, em vez de aproveitar para dar uma caminhada, conhecer este ilhéu e cruzar a linha do Equador. Chegada a hora da partida, regressámos ao barco e depois à Praia Inhame, onde ficámos apenas o tempo de recolher as malas e dar saída deste alojamento. Com muita pena dissemos adeus ao conforto desta praia paradisíaca e fizemos a viagem de regresso à cidade. Voltámos a dar entrada no Hotel Pestana e mais tarde saímos para jantar. Desta vez fomos ao Espaço Cacau, um espaço multicultural, gerido pelo famoso João Carlos Silva do programa "Na Roça com os Tachos", pois quinta-feira é o dia do jantar temático com *buffet* de comidas santomenses, dança e música ao vivo.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Sete Pedras, Cão Grande (Hugo Sampaio), tinhasa-comum, cocozuco, atobá-de-patas-vermelhas e malvaxi (Carlos Miravent).



Dia 6 - Sexta-feira, dia 20 de fevereiro: Aeroporto Internacional de São Tomé, Lagoa Azul

A nossa visita à Ilha de São Tomé estava a aproximar-se do fim e o grupo já não conseguia evitar pensar no regresso a Portugal e ao inverno. Restava-nos apenas mais um dia de observação, que seria de novo no habitat de Savana no Norte da ilha. Saímos cedo em direção ao aeroporto e parámos na Praia Francesa, começando o dia com uma boa observação de canário-de-testa-amarela *Serinus mozambicus*. Caminhámos um pouco e quando demos por nós estávamos dentro do aeroporto, prestes a atravessar a pista. Pelos vistos as pessoas usam este caminho para ir até Praia Gamboa, mas seria de esperar que houvesse pelo menos um segurança a vigiar. Procurámos em vão limícolas nas rochas da costa e regressámos pelo mesmo caminho. À saída do espaço do aeroporto já havia um segurança na guarita, pelo que ficámos mais descansados. De carro fizemos a estrada em volta do aeroporto e parámos em Praia Cruz, onde existe uma pequena lagoa costeira, que estava cheia de vida. Voltámos a ver bem tchonze, conóbia, pata-d'água e andorinhão-de-palmeiras *Cypsiurus parvus* e havia também imensa atividade de tecelões. Na sua maioria nários, mas descobrimos também um ninho de tecelão-malhado *Ploceus cucullatus*, uma espécie bem mais possante e com mais preto na cabeça. Em seguida fomos explorar outra área ali perto, terreno aberto com muito capim, onde vimos viuvinha *Vidua macroura* e padé-campo *Euplectes hordeaceus*, uma ave belíssima e de um vermelho bem vivo. Estava a aproximar-se a hora de almoço e para não termos de voltar à cidade arriscámos e fomos procurar comida a Guadalupe, onde encontramos o Restaurante Celvas, que nos recebeu e alimentou muito bem. Quase que acrescentámos mais uma espécie à lista, pois havia um papagaio-cinzento *Psittacus erithacus* no restaurante, mas os indivíduos em cativeiro não contam.

Da parte da tarde parámos na Lagoa Azul, uma das mais famosas zonas balneares da ilha, para dar uns mergulhos no mar e fazer *snorkeling*. Muitos peixes interessantes para ver e a água parecia um caldo. No regresso à cidade parámos de novo, entre a Praia Samérica e a Praia das Conchas, num local que nos proporcionou algumas das melhores observações da semana. Conseguimos ver algumas rolas *Columba malherbii* à distância, mas as espécies mais apreciadas vimo-las bem de perto. Sui-sui *Uraeginthus angolensis*, periquito *Agapornis pullarius* e acaricia *Lonchura cucullata*, para acabar a semana em grande.

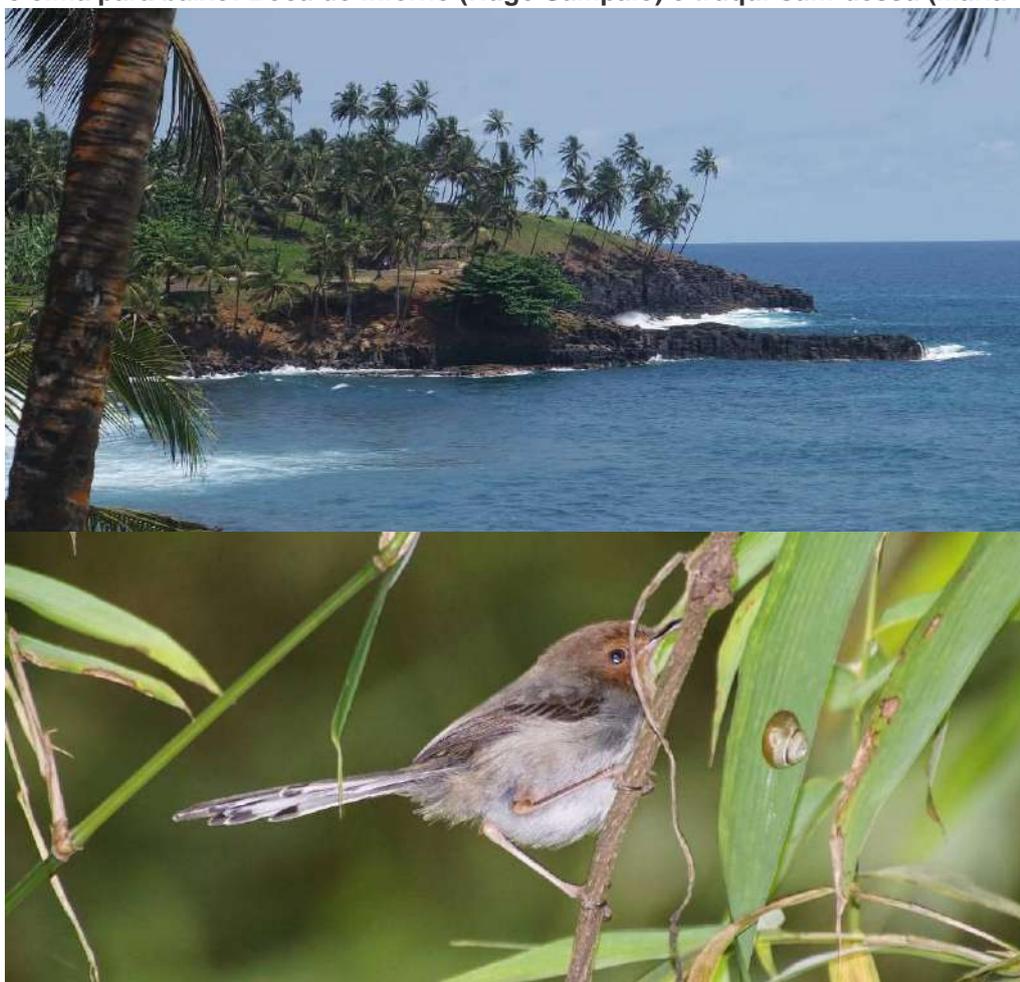
De cima para baixo, da esquerda para a direita: savanas do Norte (Hugo Sampaio), canário-de-testa-amarela (Nuno Macedo), padé-campo, periquito, viuvinha, sui-sui e acarícia (Carlos Miravent).



Dia 7 - Sábado, dia 21 de fevereiro: Boca do Inferno, São Tomé, viagem São Tomé - Lisboa

Para sábado não estava previsto fazermos observação de aves, mas não resisti propor ao grupo uma tentativa adicional para vermos o ossobô, a besta-negra da visita de estudo. Ouvimos esta espécie todos os dias, mas nunca lhe conseguimos pôr a vista em cima. Assim, ao nascer-do-sol eu e os participantes que aceitaram o desafio seguimos para a Boca do Inferno, na esperança de ver este cuco ou alguma espécie migradora. Não tivemos sorte com o ossobô nem vimos espécies novas, mas foi um passeio agradável e ainda conhecemos o Faustino, habitante do Plano de Água Izé, que nos acompanhou e contou algumas histórias engraçadas. Regressámos ao hotel para tomar o pequeno-almoço e depois fomos conhecer o centro da cidade de São Tomé. Passámos pelo Mercado Municipal onde se vende de tudo um pouco o que se produz na ilha e depois passeámos pelas ruas mais centrais. Muita conversa e fotos à mistura, num clima de descontração típico de férias e do espírito *leve-leve* de São Tomé e Príncipe. Almoçámos de novo no Parque Popular, desta vez no Restaurante Sabor da Ilha. Uma refeição digna da despedida, na companhia das aves que visitavam o jardim, truqui-sum-dessu, seletê, curucucu *Streptopelia senegalensis*, andorinhão-de-palmeiras, andorinhão-pequeno *Apus affinis*. Fomos dar uma caminhada pela Avenida Marginal e depois voltámos ao hotel, porque o nosso tempo se estava a esgotar. Fomos para o aeroporto por volta das 17h30, hora do grupo se despedir da ilha e de mim, pois eu ainda tinha mais quinze dias pela frente em São Tomé. Foi uma semana inesquecível, cheia de emoções e de espécies novas, algumas das quais endémicas deste pedaço de terra. Sem dúvida um destino a repetir, mas para a próxima vez terá de se incluir na visita a magnífica ilha do Príncipe.

De cima para baixo: Boca do Inferno (Hugo Sampaio) e truqui-sum-dessu (Maria Gabriel).



Lista das espécies de aves observadas durante a visita de estudo ornitológica à ilha de São Tomé

	Espécie (nome científico)	Nome comum	Dia15	Dia16	Dia17	Dia18	Dia19	Dia20
1.	<i>Francolinus afer</i>	Perdiz		x				x
2.	<i>Coturnix delegorguei</i>	Codorniz-arlequim	x					x
3.	<i>Ciconia ciconia</i>	Cegonha-branca						?
4.	<i>Bostrychia bocagei</i>	Galinholá				x		
5.	<i>Butorides striata</i>	Tchonze	x		x			x
6.	<i>Bubulcus ibis</i>	Carraceiro	x	x	x	x	x	x
7.	<i>Egretta gularis</i>	Garça-dos-recifes	x		x		x	x
8.	<i>Egretta garzetta</i>	Garça-branca	x					x
9.	<i>Phaethon lepturus</i>	Cocoçu	x			x	x	
10.	<i>Sula leucogaster</i>	Malvaxi, pato-marinho					x	
11.	<i>Sula sula</i>	Atobá-de-patas-vermelhas					x	
12.	<i>Phalacrocorax africanus</i>	Pata-d'água			x		x	x
13.	<i>Milvus migrans</i>	Falcão, milhafre-preto	x	x	x	x	x	x
14.	<i>Numenius phaeopus</i>	Maçarico-galego	x		x	x		
15.	<i>Numenius arquata</i>	Maçarico-real	?					
16.	<i>Tringa nebularia</i>	Perna-verde	x				x	
17.	<i>Tringa glareola</i>	Maçarico-de-dorso-malhado	x					
18.	<i>Actitis hypoleucos</i>	Maçarico-das-rochas	x		x			x
19.	<i>Onychoprion anaethetus</i>	Garajau-de-dorso-castanho					x	
20.	<i>Anous stolidus</i>	Tinhosa-comum, Palé					x	
21.	<i>Anous minutus</i>	Tinhosa-pequena, Caié-preto					x	
22.	<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico	x					
23.	<i>Columba thomensis</i>	Pombo-de-são-tomé		x		x		
24.	<i>Columba malherbii</i>	Rola	x	x	x	x	x	x
25.	<i>Columba larvata</i>	Muncanha		x	x	x		
26.	<i>Streptopelia senegalensis</i>	Curucucu, rola-dos-palmares	x	x	x	x	x	x
27.	<i>Treron sanctithomae</i>	Cécia, pombo-verde		x		x		
28.	<i>Agapornis pullarius</i>	Periquito	x		x		x	x
29.	<i>Chrysococcyx cupreus</i>	Ossobô	x	x	x	x	x	x
30.	<i>Otus hartlaubi</i>	Kitoli				x		
31.	<i>Zoonavena thomensis</i>	Andorinha-de-barriga-branca		x				
32.	<i>Cypsiurus parvus</i>	Andorinhão-de-palmeiras	x	x	x	x	x	x
33.	<i>Apus affinis</i>	Andorinhão-pequeno	x	x	x			x
34.	<i>Alcedo thomensis</i>	Conóbia	x		x	x		x
35.	<i>Ceryle rudis</i>	Guarda-rios-malhado			x			
36.	<i>Oriolus crassirostris</i>	Papa-figos-de-são-tomé		x		x		
37.	<i>Terpsiphone atrochalybeia</i>	Tomé-gagá	x	x	x	x	x	
38.	<i>Prinia mollerii</i>	Truqui-sum-dessu	x	x	x	x	x	x
39.	<i>Amaurocichla bocagii</i>	Sui-sui-de-obô				x		
40.	<i>Phylloscopus sp.</i>		x					
41.	<i>Zosterops feae</i>	Neto-do-olho-grosso	x	x		x		
42.	<i>Zosterops lugubris</i>	Olho-grosso	x	x	x	x	x	x
43.	<i>Onychognathus fulgidus</i>	Pastro		x	x	x	x	
44.	<i>Turdus olivaceofuscus</i>	Tordo-de-são-tomé		x		x		
45.	<i>Anabathmis newtonii</i>	Selelé, beija-flor-de-são-tomé	x	x	x	x	x	x
46.	<i>Dreptes thomensis</i>	Selelé-mangotchi		x		x		
47.	<i>Ploceus velatus</i>	Nário	x	x	x		x	x
48.	<i>Ploceus cucullatus</i>	Tecelão-malhado						x
49.	<i>Ploceus grandis</i>	Camussela		x		x		
50.	<i>Ploceus sanctithomae</i>	Tchin-tchin-tcholó	x	x	x	x	x	x
51.	<i>Euplectes hordeaceus</i>	Padé-campo	x				x	x
52.	<i>Euplectes aureus</i>	Padé-campo-amarelo	x					x
53.	<i>Euplectes albonotatus</i>	Viúva-d'asa-branca	x					x
54.	<i>Uraeginthus angolensis</i>	Sui-sui, peito-celeste	x	x				x
55.	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	x	x	x	x	x	x
56.	<i>Lonchura cucullata</i>	Acarícia, freirinha						x
57.	<i>Vidua macroura</i>	Viuvinha	x					x
58.	<i>Serinus mozambicus</i>	Canário-de-testa-amarela	x	x			x	x
59.	<i>Serinus rufobrunneus</i>	Pardal		x	x	x	x	